

1. As influências históricas e estéticas na obra de Moacir Andrade.

A Amazônia é possuidora de uma história especial, particular. Para compreendê-la há que detectar esse fato e descobrir as facetas de seus valores regionais, que se constroem e se reconstroem sucessivamente. O campo das artes parece ser um terreno fecundo para esse estudo, no âmbito da cultura, essa busca das características regionais através das artes passa a ser um desafio constante no processo histórico da região.

A cidade estava passando por mudanças significativas em sua estrutura, o que nos remete à compreensão de que ela se reconstituía para atender às novas necessidades de saneamento, de moradia e de urbanização entre outros, tendo um crescimento a partir de 1950, como Loureiro (2001, p.151) nos aponta em seus estudos.

Nesse passo, é de fundamental importância que se perceba que a cidade continuou a caminhar com seus próprios recursos após o chamado Ciclo da Borracha. Ainda que bem mais lento o desenvolvimento e sofrendo realmente um processo de retração econômica, a cidade não deixou de buscar recursos e outras formas de recuperar o seu crescimento. Manaus recolhe-se para refazer suas forças e novas alianças políticas-culturais.

E, nesse processo, as opiniões divergiam sobre o olhar dessa nova Manaus. Nas palavras de Mello (1984, p.33), ela é vista como a cidade do possível, num momento em que aos homens restava tempo, e a vida poderia ser percebida como menos agitada e mais solidária:

Um tempo em que o tempo dava. Dava e ainda sobrava, para o que desse e viesse. Falta-de-tempo foi coisa que jamais serviu de pretexto para que as pessoas deixassem de fazer o que o coração pedia. Ou de atender os afazeres de obrigação. Nem foi nunca desculpa para a falta de amor (MELLO, 1984, p.33).

Porém, é importante também mostrar um outro cenário da cidade na época, presente no pensamento de Souza (2003, p.175 ao dizer: “Manaus, na década de cinquenta, começa a inchar, e os ribeirinhos, que nem ao menos se internavam em seus limites, permaneciam na periferia, formando a conhecida Cidade Flutuante...”).

É possível então perceber, nas opiniões apresentadas acima, dois olhares sobre Manaus na década de 1950 que dialogam com a realidade local, ao lembrar que

essas divergências existentes entre o poético e o real passavam a ser elementos que diretamente interferiam nos processos culturais que Manaus vem a viver neste período.

A cidade de Manaus em seu processo de construção busca constituir-se de renovados elementos político, administrativos, socioeconômicos e culturais. Porém, a cultura ganha outros aspectos vistos pela sociedade amazonense como um baluarte que era necessário manter no sentido de encarar a cultura como elemento de entretenimento para a sociedade como é pontuado por Oliveira,

Para a maioria da população, o cinema não é apenas uma obra de arte, é, sobretudo, uma festa. E a história das casas de exibição em Manaus se confunde com a própria história da cidade em determinados períodos. Num primeiro momento, exibido para a elite no Teatro Amazonas e Polytheama e posteriormente, popularizando-se em salas de hotéis, confeitarias, feiras, arraiais, circos, cafés-concertos, teatros de variedades e em pleno espaço aberto, nas praças públicas (OLIVEIRA, 2003, p. 157).

Com a grande dependência externa vivida na Amazônia, a arte foi mais um dos pontos diferenciados nesse contexto vividos na cidade de Manaus. E os artistas amazonenses descobriram-se sozinhos no meio da terra arrasada, com um passado que estreitava o futuro e conduzia ao beco sem saída. Porém, estes vieram a receber uma chamada brasileira que não podia evitar. Foram obrigados inicialmente por inércia, e depois por atitude crítica, a refletirem a seu modo as transformações da cultura brasileira no que se refere a novas linguagens estéticas e o surgimento de novos movimentos culturais e os seus reflexos na cidade de Manaus.

Manaus, com sua atividade econômica voltada para o comércio e com poucos empregos, sempre vista como cidade pouco movimentada encontra no aspecto cultural, momentos bastante expressivos na produção cultural da história, e de seus movimentos culturais e uma vida ativa em diversas linguagens artísticas, e que tendo no cinema a maior predileção da população amazonense, segundo Costa (1997, p. 15) que identifica essa arte/divertimento e que também é apontado por Araújo (1974, p. 272) ao dizer “...O cinema, desde muito cedo, foi uma das forças sociais mais poderosas de todos os tempos. Impressiona, atrai, excita à imitação...”

Observamos de acordo com Araújo (1974, p. 274) que Manaus era bastante privilegiada de espaços para exibição de filmes e de cineclubes em diversos lugares da cidade. Comparando ao mencionado por Costa (1997, p. 17), observamos a diversidade e o fomento do cinema no Amazonas. Segundo Oliveira (2003, p. 157), das pequenas

salas aos cinemas com grandes estruturas, Manaus encontra nessa linguagem artística sua maior identificação.

Acompanhando este processo de distribuição de filmes em Manaus, o crescimento populacional possibilitou além das salas de cineclubes e as outras já existentes nas décadas de 40, surge entre elas o Cine Odeon, inaugurado em 1953 e o Cine Ypiranga, em 1959, o que reforça o papel da popularização dessa linguagem cultural no Amazonas.



Figura 1. Capa da Revista Cinéfilo, produção local sobre cinema nacional e mundial Nº 3. 1968. Acervo Jorge Bandeira.

Porém, se estamos falando de cinema em Manaus não podemos deixar de mencionar a publicação da Revista Cinéfilo, que se tornou o expoente sobre cinema em

Manaus, produzido pelo artista José Gaspar com colaboração de diversos artistas e críticos de arte local, a revista teve 4 edições.

Um outro fato que eleva nossas produções cinematográficas é um dos grandes nomes dessa arte que muito contribuiu com o processo cinematográfico artesanalmente amazonense para esta linguagem artística: Silvino Santos. Deparando-nos com o legado de Santos, percebemos seu empenho em lançar as bases de um cinema regional. Mesmo que não se tenha registro de nenhum manifesto, é importante recuperá-lo não apenas por uma atitude de nostalgia, mas com o intuito de pensarmos historicamente na construção e desenvolvimento do cinema no Amazonas. Esta preocupação pode ser observada nas palavras de Lobo,

[...] é necessário recompor o que sobrou de sua obra e tentar daí extrair sua concepção de cinema, de produção artística regional, num sentido mais amplo. As ideias sobre o documentarismo, sobre o registro do cotidiano, permanecem atuais [...] E Silvino Santos expressou sua preocupação com a continuidade do que pretendia ao jogar toda a sua vida nessa aventura que foi filmar o país das Amazonas (LOBO, 1994, p. 3).

Lobo analisa que Silvino Santos pagou um preço extremamente alto por tentar fundar um cinema amazônico. Com esta afirmativa percebemos a preocupação de Santos quanto à valorização do contexto regional e de processo de continuidade do seu pensamento da questão da regionalidade nos filmes produzidos.

Ampliando esse pensamento de popularização e distribuição dos cinemas em Manaus, é importante assinalar aqui que esta linguagem artística vem influenciar outra, o fazer teatral. Esta última não ocuparia a mesma popularização, mas chegaria a contribuir para o cenário cultural que temos hoje em Manaus.

Souza (2003, p. 164), nos aponta que o cinema tornara-se o modelo por excelência na arte de representar. Apesar de muitos atores dos grupos de teatro local terem tido oportunidade de assistir a peças de vários repertórios de algumas companhias, de dramas e comédias e de teatro de circo que visitavam Manaus, a maioria tinha nos astros da grande tela o seu espelho. Neles se miravam e deles se alimentavam para compor o tipo brasileiro das peças encenadas nos palcos amazonenses. Essa simbiose entre cinema e teatro foi uma característica marcante das cidades provincianas como Manaus.

Ainda segundo o mesmo autor, outra ligação muito forte como teatro, principalmente o de amadores, é com a rádio. Em Manaus, o Teatro Escola surgiu

exatamente no auge dos programas radiofônicos. Este grupo teatral reconhecido como um dos mais importantes movimentos de renovação das artes cênicas nos anos 1940 e 1950, foi dividido por Ruas em três momentos:

No primeiro período tivemos, apenas, teatro importado [...] foi um teatro de fim de século [...] um teatro de elite, as apresentações eram uma oportunidade de exibição de luxo, de vaidade e de uma cultura europeizada [...] Na segunda fase encontramos o esforço de fazer um teatro com a prata da casa, como se diz. O gosto pelo teatro renasce em nosso meio [...] No mais, o teatro do Teatro Escola continuava na mesma linha de concepção burguesa; o teatro como deleite, como divertimento, como acontecimento social. (RUAS, 1967, p. 5).

Observa-se que a arte novamente assumiu apenas o papel de entretenimento/festa não contribuindo com um fazer teatral consistente que pudesse solidificar a característica regional. Analisando o exposto por Ruas no movimento teatral também é possível perceber que esforços foram feitos, porém os acontecimentos e os novos pensamentos reencontravam a falta de compromisso com o seu fazer teatral de Manaus.

A presença pouco marcante de dramaturgos teatrais locais nessa época talvez possa explicar, em parte, a não existência de um teatro amazonense, eminentemente regional, como reivindica Ruas (1967, p. 6). Também essa preocupação sobre as características da cultura local é pontuada por Costa (2001, p. 19): “Nesse período, a temática local era motivo de riso, de vauville, de teatro de variedades, de comédia de chanchada, tudo, menos tema para texto que pudesse ser encenado no sagrado recinto do Teatro Amazonas, por um grupo sério”. E que Souza (2003, p. 250), nesse contexto aponta como algo comercial e medíocre.



Figura 2. Iaiá- Boneca. A grande estréia. 1944 – acervo Teatro Amazonas.

Distante do que o teatro viveu, a literatura no Amazonas percorreu outros caminhos, buscando firmar-se dentro de uma regionalidade que pudesse acrescentar novos valores à cultura local, fato que encontramos na década de 1950, vinculados ao Clube da Madrugada.

Segundo Tufic (1983, p. 67), ao movimento literário denominado Clube da Madrugada coube conduzir a produção literária amazonense e sua vasta contribuição

neste campo. Ainda segundo o mesmo autor, esta produção ficou conhecida e foi discutida em centenas de jornais e suplementos de arte alternativos em outras cidades brasileiras.

Souza (2003, p.175) também apresenta seu pensamento sobre a literatura do Clube ao apontar que alguns de seus expoentes ganharam renome nacional e em Manaus, cidade desacostumada a ler e a pensar, um grupo de artistas lia e debatia com paixão. Páginas literárias, edição de livros, entre outras ações, fortaleciam a presença da literatura na década de 1950 e sua participação no movimento cultural vivido pela cidade de acordo com Souza (2003, p.175).

Apesar dos poucos registros existentes em relação as ações do Clube da Madrugada, a dança e a música segundo Xavier (2002, p. 80) também tiveram grande relevância nesse movimento cultural vivido na década de 1950, é claro bem menor se pensarmos nas outras manifestações já mencionadas anteriormente. Ainda segundo o mesmo autor, essas duas outras linguagens buscaram várias vezes construir esse pensamento local nas manifestações de dança e música, porém essas já chegavam à cidade no formato pré-estabelecido em outros centros urbanos. O que muitas vezes não ia de encontro com as tentativas de fazer com que essas fincassem suas raízes, ou contribuíssem no movimento cultural amazonense.

Surge então nesse cenário manauara vários nomes¹, que impulsionados pelos acontecimentos que estavam ocorrendo em Manaus e no restante do país, passaram a agrupar-se em locais públicos da cidade, com suas várias linguagens artísticas, buscando agregar, potencializar e discutir seus ideais culturais, políticos e, principalmente, as artes no Amazonas.

Mesmo estando Manaus distante dos grandes centros brasileiros, é importante salientar que grupos de intelectuais estavam empenhados em desenvolver o que corresponderia a um movimento modernista no Amazonas. Sobre essa afirmativa Souza (2003, p. 175) amplia esse olhar sobre a modernidade que chegou ao Amazonas:

Ligados à literatura da Geração de 45 e imbuídos de todas as aspirações políticas do pós-guerra, esse jovens renovadores, engajados e combativos, fizeram uma frente única contra a estagnação cultural vigente. Se o Movimento Modernista havia sido no Amazonas um desastre breve e inexpressivo, o Clube da Madrugada encontra terreno mais fértil... (SOUZA, 2003, p. 175).

¹ Saul Benchimol, Francisco Ferreira Batista, Luiz Bacelar, Celso Melo, Carlos Farias de Carvalho, José Pereira Trindade, Humberto Paiva entre outros.

Nesse sentido, está presente no pensamento de Souza (2003) a questão e as lutas que se deram para que esse processo de efervescência cultural na década de 1950 acontecesse em Manaus, influenciados pelos movimentos culturais e políticos brasileiros da época.

A edição da revista cinéfilo, os programas de rádio na Rio Mar, as exposições de artes plásticas, a mostra de cinema e seus suplementos dominicais, além da literatura, surgem como influência de outros movimentos culturais que se expandiam por todo o país, e aqui em Manaus vem solidificar-se com a criação do Clube da Madrugada, pontuado por Páscoa em sua introdução ao surgimento, antecedentes e caracterização do Clube:

O surgimento do Clube da Madrugada em Manaus coincide com o desejo de renovação estética vivida por um grupo de poetas, escritores, intelectuais e artistas plásticos que estavam cansados do isolamento cultural proporcionado por dificuldades econômicas e geográficas (PÁSCOA, 2011, p. 79).

Podemos então perceber que o movimento surge do desejo desses artistas pela falta de apoio as artes da estagnação que Manaus se encontrava naquele momento, assim como os demais movimentos em todo o país, referendando a questão econômica nesse pano de fundo do processo cultural da cidade.

Assim, mesmo com o as dificuldades vividas pelos artistas, em suas diversas linguagens, a vida sabiamente continuou a fluir e, no recolhimento homens de letras e homens da ciência produziram conhecimentos, vislumbraram sonhos e pesadelos, fortaleceram mitos e expressaram seu mundo em manifestações artísticas e culturais, muitas delas, vindas até aos dias de hoje e que encontraram no Clube da Madrugada motivo de resistência as políticas e fomento as artes no Amazonas.

1.1 O Clube da Madrugada e suas influências Políticas e Culturais em Manaus.

Em novembro de 1954, um grupo de artistas jovens e amazonenses já havia realizado duas caravanas para o Rio de Janeiro e, tomando contato com novos grupos artísticos, iniciaram um processo de vencer a realidade literária, ou seja, buscar novos horizontes e com ampliação e difusão do que estava sendo produzido em Manaus no

campo da arte literária, assim como nas demais artes existentes na cidade na cidade. Tal situação já se revelaria no pensamento de Tufic (1984, p. 11):

[...] por falta de comunicação com o resto do país e o exterior, sofriam a influência direta do espírito acadêmico em artes e literatura, embora sobressaíssem algumas contribuições pessoais valiosas, mas sempre ligadas ao formulário europeu, cujos maiores representantes no Brasil já eram considerados figuras do acaso.

Partindo de diversas experiências vividas por alguns desses artistas amazonenses em suas viagens e desse novo cenário cultural que se formava no Brasil, grupos artísticos começavam a repensar e a retomar suas produções no âmbito da cultura, já vivenciados na década de 1920 em vários lugares. Revela-se, por isso mesmo, a necessidade de reunir nomes de diversas linguagens artísticas nesse processo amplo de construção do período modernista no Amazonas.

Nessa época havia um entusiasmo cultural em Manaus, pois eram formados nos colégios vários grupos que se reuniam regularmente em grêmios literários, publicando revistas e jornais de circulação restrita. Dessas frequentes reuniões e encontros literários e, ainda da vontade de renovação artística e de conhecer além dos limites da cidade, nasceu oficialmente o Clube da Madrugada como aponta Tufic (1984, p 67).

Nesse cenário surge o então Clube da Madrugada, num clima bastante especial e, principalmente, num espaço, o mais democrático possível naquele ano de 1954. É de novo Tufic (1984,p.19), um dos fundadores do movimento, que nos dá as noções sobre o local de encontro dos integrantes do clube:

Antiga praça da Constituição, hoje Heliodoro Balbi, também conhecida como praça do Ginásio e da Polícia Militar. Afamada pelo seu coreto, ornamentos, palmeiras, estátuas de figuras mitológicas, árvores copadas e um lago artificial que se prolonga num corte meio curvo, do centro da praça ao seu flanco esquerdo... Tal deve ter sido o ambiente para os primeiros locais da turma para as reuniões literárias as quais compareciam um bom número de jovens iniciados nos estudos das ciências políticas, sociais, das artes plásticas, do teatro, da música, do direito e da filosofia.

As descrições de Tufic sem a preocupação da interpretação, revelam a fermentação desse grupo que passaria a assumir vários meios de comunicação, podendo

destacar-se entre várias de suas ações o programa de rádio “ Dimensões”, pelo qual a informação literária, filosófica ou crítica e musical , normalmente restrita aos pequenos grupos de leitores de jornais e livros, era transmitida pela rádio Rio Mar, chegando a mais casas e fomentando a vida cultural e política da cidade.

Numa Manaus sem livrarias e com circulação restrita de jornais, Jorge Tufic (1958, p.58), assim resumiu as origens do movimento:

Saturados até à medula do academismo sedição e rotineiro, resolviam, ali mesmo, numa bela madrugada amazônica, externar suas idéias, dizendo da necessidade de se reunirem para oferecer resistência- parte que eram desse organismo ameaçado por cruenta enfermidade -, aos males que, tão visivelmente, afligiam e perturbavam até o mais indiferente. Basta acentuar esta desanimadora característica da geração de que, apesar de tudo, temos a honra de fazer parte: a inércia. Geração cismarenta e recolhida no acanhado recinto dos bares e cafés da cidade, em reuniões de circunstâncias para matar o tempo, fugindo, assim, ao tédio devorador; geração, portanto, “flutuada”, como a poderemos chamar dado o seu caráter oscilatório entre as seduções comodistas daqueles que se rotulam os remanescentes do chamado período luminoso e a posição esquerdista que se propõe assumir em face do próprio ambiente.

Era a primeira vez que escritores, poetas e artistas plásticos identificavam, nessa natureza “flutuada” do intelectual amazonense, esta necessidade em optar por uma posição crítica em relação ao seu tempo.



Figura 3. Membros do Clube da Madrugada na Praça Heliodoro Balbi (Praça da Policia). Acervo Fotográfico de Van Pereira.

Mas os pensamentos em relação a criação do Clube da Madrugada não vão na direção de desvendar os estilos literários, as rimas dos versos poéticos e os sentimentos dos autores ou ainda as temáticas escolhidas para desenvolvimento dos contos, das poesias, dos poemas e dos romances. O movimento literário que no início da existência do clube teve uma maior expressão veio com o propósito de inovar e de transformar o estilo da produção literária local, buscando conectar-se com as tendências literárias da época que predominavam nas outras regiões do país, como acrescenta Costa (2001, p.34).

Tornar-se integrante desse movimento também é algo que merece destaque, afinal essa prática possuía uma forma específica e determinada de acordo com as regulamentações para o ingresso de novos membros ao clube, assim pontuado por Páscoa (2011, p.102):

Havia uma preocupação por parte dos membros com a qualidade e com a produção dos novos integrantes. Para entrar no Clube era necessário ser apresentado por um dos membros e ter seu nome endossado pelos participantes. Era necessário apresentar um trabalho artístico, uma obra literária ou defender uma tese sobre o assunto de interesse perante os outros, uma espécie de ritual de iniciação.

O Clube da Madrugada tornou-se uma referência tão forte na cultura local, o que não significa colocá-lo na condição de uma academia com tendências, no que se refere a forma, técnicas e outras sobre a apresentação dos trabalhos e sobre a cultura. O Clube surgiu como uma reação à estagnação cultural, ao provincianismo e ao conservadorismo dos artistas e intelectuais comprometidos com a velha ordem política e econômica. Os jovens escritores, ligados ao movimento madrugada, esbarraram na resistência e incompreensão dos representantes do pensamento local, o que podemos perceber nas palavras de Souza (2003, p.176), ao mostrar que “... os artistas foram considerados loucos, inveterados alcoólatras, perigosos contestados da inércia”.

No entanto, podemos perceber que nem sempre se via o clube como algo perigoso, e a forma como os artistas, muitas vezes, recebiam essas críticas não os impediam de dar continuidade à produção artística. Tal fato, de acordo com Mello (2004, p.115), se esclarece na posição de alguns artistas a respeito do Clube da Madrugada:

São sinais do tempo. Não me afligem e nem desanimam. Estou seguro de que será o Clube da Madrugada o corpo de pensamento que poderá se erguer, em tempos breves, na melhor força canalizadora, capaz de unir todos os órgãos vinculados, por ofício, obrigação ou vocação, ao exercício da arte e ao estímulo da capacidade criadora da cidade para uma definição de uma política cultural.

É possível perceber nesse depoimento acima citado algumas características que fazem do Clube da Madrugada um movimento artístico e literário típico do século XX, conhecido por Modernismo, cujas manifestações mais importantes ocorreram nos anos de 1920, sendo um movimento que fez parte de uma corrente de ideias que remonta ao final do século XIX e que durou até as últimas décadas do século passado. Buscava romper conceitos e estabelecer um novo olhar sobre as produções e suas difusões e fomentos. O Clube buscava uma transformação social e estética, queria combater o marasmo da cultura local e conhecer o que se produzia em arte em outras cidades, além de discutir e trocar informações com artistas de outras localidades do país. Desejava estar conectado à sua época, à contemporaneidade, nas palavras sempre presentes de Tufic (1983).

No âmbito cultural, os integrantes do clube pensavam que a arte e a educação deveriam estar ao alcance de todas as pessoas. Havia claramente uma preocupação social e coletiva com a produção e com a forma de distribuição das obras, muitas vezes em locais públicos. Ainda existia o pensamento de construir e de solidificar a imagem desses artistas também no cenário nacional, que segundo Costa(2001, p.42), transparecia nas atitudes tomadas pelo integrantes Clube da Madrugada.

Alternativas de promoção artística e cultural do movimento, que não dependessem de imposições institucionais, ficavam bem definidas na escolha dos locais para as suas realizações. Podemos citar a própria Praça Heliodoro Balbi, onde muitos eventos foram realizados à sombra de suas árvores e ao ar livre, tais como os lançamentos de livros nas manhãs de sábado. É preciso lembrar que as exposições de artes plásticas, os festivais e as feiras culturais ocorrim nas praças da cidade e até na praia da Ponta Negra, fatos, aliás, importantes no processo de popularização das artes em suas diversas linguagens (TUFIC, 1983).

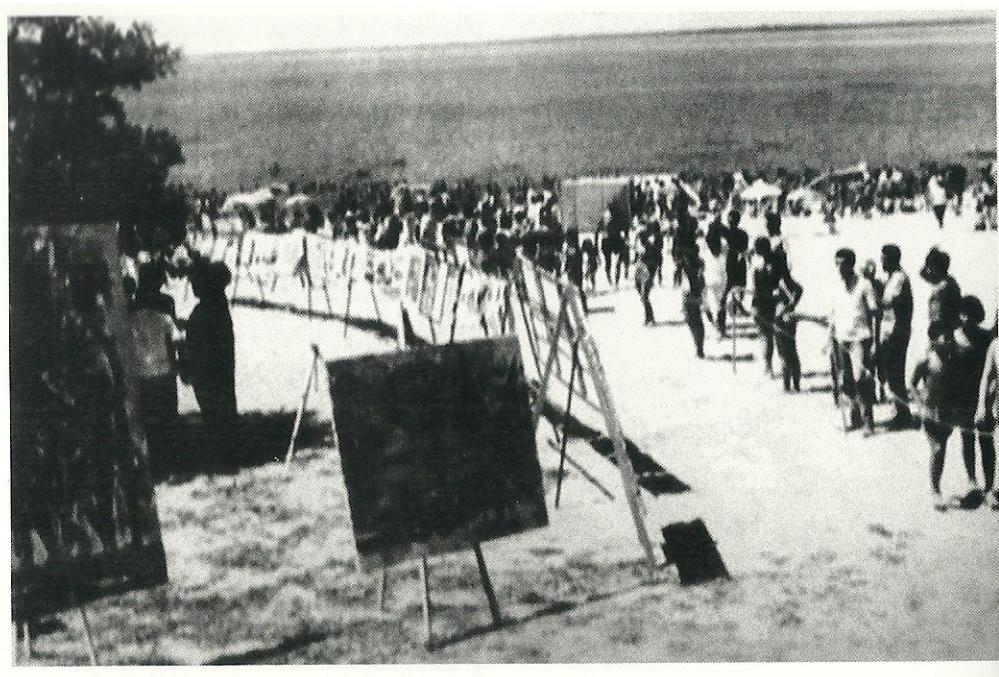


Figura 4. III Feira de Artes Plásticas, Praia da Ponta Negra. Acervo de Aluísio Sampaio.

Os intelectuais, demonstrando a seriedade do movimento, editaram o seu manifesto, a “Revista Madrugada” , ao mostrar que faziam parte dos movimentos artísticos influentes do século XX. Nas páginas, condenavam veementemente a escassa produção artística e cultural local, aliás num atraso de cerca de meio século no campo da literatura, da escultura, da pintura e da arquitetura, além das áreas do saber , tais como sociologia, economia e filosofia.

Como mostra Páscoa (2011, p.91), uma das primeiras preocupações do Clube da Madrugada, anterior ao manifesto era dissimular o homem da Amazônia:

As primeiras propostas do clube da madrugada, antes mesmo da redação do manifesto, mostravam um programa de luta e buscavam romper com uma certa mistificação do homem da região. Teriam como um de seus objetivos desenvolver uma análise de todas as categorias do conhecimento relativo à Amazônia. Desejavam fazer um esforço para compensar o atraso de meio século e compreender, em seus fundamentos básicos, a função da literatura e das artes no século xx.

Novamente percebemos o empenho de busca dos valores da cultura local, o que veio direcionar as atividades do clube no sentido que firmar-se como um movimento que vinha propor o diferencial no que se refere a produção da arte e ao fomento desses produtos culturais no panorama artístico que se apresentava na cidade de Manaus.

O certo é que a literatura, as artes e as ciências não poderiam satisfazer o ímpeto renovador que surgia no grupo e seus desejos de serem cosmopolitas nessa busca pelos valores característicos da cultura regional, além da necessidade de sua integração a cultura à nacional, também muitas vezes pontuadas por Lobo (1994, p.45).

Pode-se afirmar que houve, em Manaus, um movimento vanguardista de grande impacto cultural, ainda não visto desde o término do ciclo da borracha. Além disso, havia uma preocupação social desse movimento em relação à difusão das artes para a população, o que acentua ainda mais a visão esquerdista do clube, apontado algumas vezes por Aguiar (2002, p.35).

Com o movimento do Clube da Madrugada, era possível ver a participação histórica do Amazonas numa perspectiva nacional, além de servir de inspiração para outros movimentos no âmbito local e nacional.

O Clube da Madrugada não foi tão somente uma manifestação cultural. Com sua finalidade sobretudo cultural e educativa, sua atuação foi muito além das exposições de trabalhos realizados pelos seus membros. Nesse sentido, a arte foge da perspectiva de que está vinculada apenas à subjetividade do artista, sem conotação com os acontecimentos sociais e políticos do seu tempo, como assinala Tufic (1983, p.87).

Esse movimento viveu intensamente duas décadas distintas da história cultural e política brasileira, as de 1950 e 1960. A década de 1950 foi um período de grande efervescência cultural e de uma vasta produção artística em todo o país, no qual podemos destacar a 1ª Bienal de Artes de São Paulo realizada em 1951. Também é importante salientar a consolidação das universidades no seu papel de formador de inteligências renovadoras que colaborariam para o desenvolvimento cultural, apontado por Coelho (2012, p. 84), fato que não iria ocorrer com a mesma intensidade na década de 1960.

A década de 1960 se apresenta contraditoriamente, pois a censura à produção cultural se aplica principalmente a algumas linguagens artísticas, lembrando que esse controle foi direcionado a uma determinada abordagem cultural que se apresentava como obstáculo à um Brasil controlado pelo Estado. Por isso mesmo, o critério para o estabelecimento do crivo cultural foi político- ideológico, pois assim comenta Ortiz (1985, p.89):

Durante o período 64-80 a censura não se define tanto pelo veto a todo e qualquer produto cultural, mas age primeiro como repressão seletiva que impossibilita a emergência de determinados tipos de pensamento ou de obras

artísticas. São censuradas as peças teatrais, os filmes, os livros, mas não o teatro, o cinema ou a indústria editorial. O ato repressor atinge a especificidade da obra mas não a generalidade da sua produção. O movimento cultural pós- 64 se caracteriza por dois momentos que são na verdade contraditórios; por um lado ele é um período da história onde mais são produzidos e difundidos os bens culturais, por outro ele se define por uma repressão ideológica e política intensa.

Podemos então nessa reflexão de Ortiz encontrar um pouco das palavras de Coelho (2012), e reforçadas quanto ao aspecto da diminuição da produção bem como da aplicação da censura em algumas linguagens artísticas como a música, o teatro e a televisão entre outros. Porém, fica claro que as produções buscaram outras formas de continuar suas distribuições e difusões pelo país, não permitindo que alguns desses acontecimentos de repressão política implicassem diretamente no que estava sendo produzido artisticamente no cenário cultural brasileiro.

Em Manaus, a política de controle da criação artística alastrou-se sobre a cidade , influenciando as produções do Clube da Madrugada, visíveis nas produções na década de 1960, que demonstram certa inquietude acerca do estado de repressão a que vivenciavam na época.

Para entendermos melhor a presença do movimento militar nas produções literárias do Clube, podemos acompanhar o descontentamento de artistas em suas produções. Entre algumas publicações desses manifestos, podemos apreciar o recorte feito a seguir e entender um pouco dessa inquietação no trecho de “ Versos de Antiga Circunstância, de Jorge Tufic”² :

Arcos que um dia armaste, ei-los quebrados.
Sobe deles a trágica experiência
das horas nunca lidas, mas fincadas
como cravos na pele...

Agora um brinde: aos pobres que habitam
nos subúrbios distantes, nesta hora
em nossos irmãos de outros limites
anseiam, como nós, por uma nova aurora

Essa e outras produções que partiram de membros do Clube indicam o reflexo da ditadura militar na vida literária do movimento e, conseqüentemente, a repressão que se manifestava também no plano das ideias, em especial, sobre aquelas que ressaltavam os problemas sociais vigentes a época (AGUIAR, 2002, p.48).

² Publicado integralmente em O Jornal, 1º de janeiro de 1967, p.13.

Porém, temos que entender que grandes artistas do Clube da Madrugada se tornaram conhecidos. Tal fato possibilitou que as artes do Amazonas ganhassem visibilidade no Brasil, firmando-se local e nacionalmente lembrando que alguns artistas desse cenário cultural passavam a reconhecer sua produção artística e seus valores regionais no âmbito das características regionais e de sua valorização por parte de outros artistas brasileiros.

Diante desse panorama cultural e político que o Brasil e, por consequência Manaus apresentava, o Clube da Madrugada conseguiu permanecer ainda alguns anos da década de 1960, o que possibilitou a permanência de artistas do clube se consolidassem nesse cenário cultural local.

O artista Moacir Andrade, pintor autodidata e que veio a formar o primeiro núcleo do Clube da Madrugada no campo das artes plásticas, pode ser apresentado como um desses integrantes que se firmaram dentro desse novo panorama cultural de Manaus, apesar das adversidades vividas pelo movimento na década de 1960.

1.2. Moacir Andrade: um artista e suas várias linguagens artísticas

Nascido em Manaus, em 17 de março de 1927, filho de pai pernambucano e mãe amazonense do rio Solimões, onde passou a sua primeira infância, e onde se impregnou de amazonidade, jamais quis mudar de residência, pois o conteúdo de sua obra encontrou nesses lugares sua inspiração e a insistência para o estudo antropologia sociocultural na sua estreita correlação com o meio ambiente e o enfoque constante da Amazônia.

Moacir Andrade desenvolveu um estilo muito pessoal para dialogar com as características culturais da região, cores, formas, fauna, flora e religiosidade da região e as manifestações próprias do Amazonas.

Sobre sua obra já falaram os mais importantes críticos nacionais e estrangeiros. Calculada em mais de cinco mil peças espalhadas por todo o mundo, transformaram o seu acervo num monumental veículo para divulgar a cultura brasileira com toda a plenitude, sobretudo o universo de seus hábitos e costumes, com bem expressou o escritor português Ferreira de Castro (1960, p.14):

Suas obras são peças valiosíssimas da iconografia brasileira. Elaboradas com o material fornecido pela sua privilegiada sensibilidade, são hoje adquiridos

pelos grandes museus do mundo e exigentes colecionadores particulares que disputam avidamente a sua aquisição.

Situado entre os melhores pintores contemporâneos do mundo, Moacir Andrade transformou o seu trabalho num veículo afetivo para divulgar a continental área amazônica, com toda a plenitude de sua beleza singular, sobretudo o universo de sua inesgotável mitologia.

Podemos perceber com maior clareza a importância do artista nas artes plásticas e seu papel de difusão artística do Amazonas para outros lugares, o que encontra também reforço de sua importância no movimento das artes na cidade de Manaus nas palavras de Páscoa (2011, p. 123) “... pois o pintor Moacir Andrade já expunha na cidade havia pelo menos dez anos, visto que em 1941, com catorze anos, já tinha se revelado no Liceu Industrial de Manaus e dez anos depois no Salão da Escola Técnica Federal de Manaus”.

Nesse pouco tempo, já é possível perceber a produção artística de Moacir de Andrade e ver as conquistas que viriam a somar a sua vivência nas artes. Páscoa (2011, p. 123):

Entre 1952 e 1962, esse artista já havia participado do Salão do Ideal Clube (1954), das exposições no hall da Biblioteca Pública do Amazonas, como promoção do Clube da Madrugada (1955, 1956, 1958,1960), obtendo êxito na divulgação de seu trabalho na imprensa.

Conseguiu levar para as telas a materialização e a visualização de um universo onírico e policrômico da vida do homem Amazônico. Sempre foi fiel a um imenso e exclusivo amor por essas terras da região, com seus traços tão singulares que registram através de sua arte esboçada, seja em suas telas e/ou escritas, o fabuloso Rio Mar pontuado por Mello (1984).

A pintura de Moacir Andrade fixa os aspectos mais significativos do seu habitat natural, o mundo telúrico da Amazônia misteriosa como temática pessoal. Em cores ele relata a magia e a sabedoria tradicional amazônica.

Foi Moacir Andrade um dos fundadores do Clube da Madrugada e também da extinta União Brasileira de Escritores do Amazonas. Estudioso dos problemas de museus do Brasil, fundou a Pinacoteca Pública do Estado e a Fundação Cultural do

Amazonas, entre várias outras instituições locais e nacionais, como nos é apresentado por Alencar (2010, p. 25) ³.

Em suas atuações pelo Clube, Moacir Andrade sempre buscava novos desafios e isso sempre estava refletido em suas participações e exposições, que a imprensa local sempre buscando nesse sentido dar destaque ao artista. Fazendo menções diferenciadas a suas participações e estampando suas telas e imagens em suas páginas e difundindo sua popularização na cidade de Manaus. É o que podemos perceber na publicação do jornal A Crítica, em sua edição de 13 de agosto de 1966, em que coloca “Informa-se que o pintor Moacir Andrade participará da exposição na praia da Ponta Negra com quatro telas monumentais”.

Isso também é apresentado por Páscoa (2011, p.178) a participação no movimento cultural amazonense:

É um dos artistas que mais produziu no Amazonas desde a década de 50 até os dias atuais. Pintor, desenhista, escritor e professor [...] Em 1954 ligou-se ao movimento cultural Clube da Madrugada. Realizou várias conferências e Palestras sobre a arte e o folclore brasileiro em 1975...

Sem dúvida, Moacir de Andrade pode ser apontado entre as relevantes expressões culturais das Belas Artes da Amazônia do século XX. Seus trabalhos são muito apreciados pela crítica e pelos pesquisadores. Figuram em importantes Coleções Particulares, assim como em vários Museus públicos e privados, tanto no Brasil como no exterior.

³ O primeiro diretor da Pinacoteca foi Moacir Andrade, que permaneceu durante quatro anos. Além disso, o artista acumulava outras atividades profissionais, lecionando na Escola Técnica Federal do Amazonas e no Colégio Estadual D. Pedro II. Sua atuação na Pinacoteca foi marcante no âmbito administrativo.



Figura 5. Matéria sobre Moacir Andrade. Jornal a Crítica, Caderno Bem Viver, 2012. Acervo do Casarão de Ideias.

Além das artes plásticas Moacir Andrade também expressou através da literatura sua preocupação com a Amazônia, seus costumes, suas crenças, seu folclore, suas lendas e que buscou através de outras linguagens artísticas levar essas informações, através de poemas, pesquisa e estudos antropológicos em suas diversas publicações literárias.

Nesse sentido de perceber a grande importância de Moacir Andrade no cenário cultural local, nacional e internacional, as palavras de Silva apud Sartre reforçam esse grande talento amazônico:

Pintor das telas das tradições indígenas, dos barcos, dos rios, das paisagens ingênuas do povo que reside na capital amazonense e nos beiradões dos rios... hoje é líder cultural, místico assandalhado daquela grande área brasileira e conhecido como o “guru” do rio Negro ou o monge de Aparecida, em Manaus. Autor de vários livros de alta importância documental para pesquisas... Além de pintor famoso em todo mundo, Moacir Andrade é também poeta, estilista, escritor de sucesso[...] Silva (2003, p.75)

Cultura
Na imagem, o amazonense está finalizando mais uma tela

Moacir Andrade >

Oitenta anos de arte

Artista plástico, escritor e poeta planeja comemorar com exposição e livro

RAPHEL BEZAS
ESPECIAL PARA A CRÍTICA

Três andares repletos de livros, santos, fotografias e muitos quadros, que exalam e reconstroem discretamente os 80 anos de carreira do escritor, poeta e artista plástico amazonense Moacir Andrade. O ateliê, localizado ao fundo de sua residência, é onde fica todo o “universo pessoal” do artista, que é movido pelo simples desejo de trabalhar.

Para celebrar essas oito décadas, Moacir informa que deverá fazer uma exposição no próximo ano e que Livia Mendes, presidente da Fundação Municipal de Cultura e Artes (Manauscult), irá publicar um livro referente aos seus 80 anos de carreira, porém a obra ainda não tem data ou previsão de lançamento.

Aprendizado
“Os meus desenhos são criações que vêm da minha cabeça. Sou autodidata, nunca estive em nenhuma escola de arte, mas aprendi absorvendo de outros artistas, lendo li-

vro, vendo ilustrações e frequentando museus”, diz Moacir, que começou, aos 5 anos, com seus primeiros traços e desenhos, e desde então não parou de pintar. Ele já fez cerca de 50 mil quadros, entre pinturas e desenhos e escreveu 20 livros. Ao todo, já divulgou sua arte para mais de 100 países.

Alguns de suas principais influências artísticas são Cândido Portinari (1903-1962), Di Cavalcanti (1897-1976) e Tarsila do Amaral (1886-1973). “Todos esses artistas eu conheci. Sou um regionalista universal, pois faço quadros de Manaus, mas com uma conotação universal. Em telas sobre o folclore da região gosto de colocar minha alma, pois sou amazonense”, afirma.

“Os meus quadros e livros estão ligados intimamente ao Estado. Sou tão apaixonado pelas coisas da Amazônia que quase todas as minhas publicações abordam esse assunto”, complementa. Normalmente, em suas pinturas, o amazonense utiliza tintas óleos, acrílicas e guaches - essa última sendo para desenhos sobre papel.

Desejo
De acordo com o aniversariante, é maior homenagem que pode

Saiba mais

>> Origens
Nascido na Santa Casa de Misericórdia, cresceu no beiradão do rio Solimões, em Manausapuru. Começou a desenhar aos 5 anos, e em 1941 teve sua primeira exposição, de desenhos feitos na infância e adolescência. Foi professor de várias instituições de Manaus, do Ginásio Dom Pedro II até a Universidade Federal do Amazonas. Ele já escreveu 20 livros, entre eles “Vida & Pintura” e “Pratos, lendas, histórias e superstições de alguns países do Amazonas”.

proporcionar para Manaus é continuar trabalhando. “Vou prosseguir até quando Deus quiser. Adoro a vida, porque ela é única. Para mim não existe outra além dessa”. Ele revela, ainda, que ao fabricar, espera que suas obras estejam nos museus da capital. “Dou, mais do que vendo, meus quadros, mas queria que minhas obras ficassem nos museus de Manaus, porque foi onde vivi. Isso é o meu grande, no qual tive meus amores”.

Frases

“Arte é tudo na minha vida. Ela é a manifestação da minha felicidade, do meu bem-estar e dia a dia”

“Sou um regionalista universal, pois faço quadros de Manaus, mas com uma conotação universal. Em telas sobre o folclore da região gosto de colocar minha alma, pois sou amazonense”

A Imagem

>> Durante entrevista com Moacir Andrade

Na foto acima, Moacir lendo o livro “Recordar e Viver” - Álbum de Músicas Brasileiras e Interações de todas as épocas”, com o qual ele diz passar horas cantando os sambas presentes na publicação. Abaixo, observando o segundo andar de seu ateliê

Figura 6. Matéria sobre Moacir Andrade. Jornal a Crítica, Caderno Bem Viver, 2011. Acervo do Casarão de Ideias.

Diante da colocação, embora exposta com certa emoção pelo autor, podemos perceber a grande influência de Moacir Andrade nesse cenário que se construiu a partir do Clube da Madrugada em relação a linguagem das artes plásticas em Manaus. Mesmo com o passar do tempo, o artista ainda permanece no cenário cultural local como referência desse processo histórico cultural que a cidade de viveu nesses anos de existência do Clube da Madrugada.